

ISSN: 2319-0124

## A GEOGRAFIA ECONÔMICA DO CAFÉ COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA CADEIA PRODUTIVA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

Eli F.T.TOLEDO<sup>1</sup>

### RESUMO

Atualmente a cafeicultura permanece com enorme importância para o ambiente socioeconômico brasileiro. A relevância é histórica e evidente, já que por mais de 100 anos o café foi o principal produto de exportação do país, formando infraestruturas, trazendo estabilidade fiscal e recursos para o território. O artigo tem por objetivo demonstrar como a Geografia e, mais especificamente, a Geografia Econômica podem contribuir para o exame dos desdobramentos que essa atividade e sua cadeia produtiva possuem no espaço e, além disso, como a Geografia Econômica pode cooperar com as outras ciências que trabalham com a cafeicultura. Esse trabalho é fruto da disciplina optativa Geografia Econômica do Café ministrada no curso de Licenciatura em Geografia no IFSULDEMINAS campus Poços de Caldas.

### Palavras-chave:

Cafeicultura; Geografia Econômica; Pierre Monbeig; Espaço Geográfico.

### 1. INTRODUÇÃO

O estudo da relação entre a espécie humana e o espaço é o grande objetivo da Geografia. A Geografia Econômica em sua especialização pesquisa a materialização da atividade econômica nos diversos espaços da Terra. Essa espacialização influencia os agrupamentos humanos e, concomitantemente, o espaço geográfico, o qual, mutuamente, interfere na atividade econômica pesquisada. O estudo desse conjunto deve minimamente conter a localização, a busca pelos fatores locacionais, o reconhecimento das influências recíprocas da atividade econômica e do espaço geográfico, a definição dos recortes espacial e temporal, além da análise das interferências entre as escalas Local – Regional e Global.

O geógrafo econômico deve se atentar para exercer um olhar geográfico, ou seja, a ciência Geográfica com seus conceitos, categorias e princípios próprios, os quais devem moldar e iluminar os conteúdos dessa análise. O geógrafo Pierre Monbeig indicou que: “O objeto do estudo geográfico é o grupo humano, não só quando é analisado seu *habitat* ou seu modo de adaptação ao espaço, como também quando são examinados seu consumo, sua produção e suas trocas”. O mesmo geógrafo informou que a especialização não faz da Geografia Econômica outra ciência, mas somente uma divisão por ordem didática e acadêmica, pois “(...) seria contraproducente, no entanto, levar mais longe a especialização” (1957, p. 154), já que outras ciências se ocupam das múltiplas facetas de um objeto de estudo. Deste modo, os geógrafos possuem meios e conteúdos próprios para examinar os

---

<sup>1</sup>Professor EBTT, IFSULDEMINAS – Campus Poços de Caldas. E-mail: [eli.toledo@ifsuldeminas.edu.br](mailto:eli.toledo@ifsuldeminas.edu.br)

impactos da cadeia produtiva do café no espaço, a fim de avaliar as influências que cada área produtora exerce sobre a cafeicultura. Monbeig esclarece o olhar do geógrafo econômico para a cafeicultura:

Aí se encontra um conjunto de fatos que caracterizam a geografia econômica do café e sua mobilidade, cujas explicações são porém múltiplas e complexas. Se a tarefa do geógrafo é, antes de mais nada, descrever e cartografar as localizações e distribuições, as estabilidades ou as migrações, ele não pode, no entanto, deter-se aí. Não se trata também de apenas classificar os países por ordem de grandeza, através de dados estatísticos. Deve-se, além disso, tentar compreender e explicar. (MONBEIG, 1957, p. 164-165)

Cabe destacar, que Geografia brasileira possui distinta tradição nos assuntos relacionados a cafeicultura, a razão disso foi o enorme impacto que a cadeia produtiva do café também desempenhou na formação e uso do território brasileiro. Como evidência histórico-geográfica desse fato podemos citar os trabalhos do geógrafo Pierre Monbeig com o livro “Pioneiros e fazendeiros de São Paulo” (1952); os estudos de José Ribeiro de Araújo Filho, que como obra principal escreveu o livro “Santos - o Porto do Café” (1969) e Ary França que produziu a obra “A marcha do café e as frentes pioneiras” (1960), somados a eles, também são dignos de nota as pesquisas de Lysia Cavalcanti Bernades, Orlando Valverde e Antônio Carlos Robert de Moraes (1991; 2011), que por meio de suas especialidades pesquisaram o impacto da lavoura cafeeira e seus desdobramentos espaciais no espaço geográfico brasileiro. (MORAES, 1991)

É importante ressaltar que o fenômeno espacial promovido pela cafeicultura possui conteúdo para análise não somente para a Geografia Econômica, mas também para outras áreas da Geografia Humana e, também, para os vários ramos da Geografia Física. O motivo principal desse artigo é resgatar a Geografia Econômica como mais um instrumento de análise da cadeia produtiva do café e seus impactos no espaço geográfico. Esse resgate foi concretizado na disciplina optativa “Geografia Econômica do Café” do curso de Licenciatura em Geografia do IFSULDEMINAS, campus Poços de Caldas.

A justificativa para a produção do artigo e criação da disciplina é explícita, em virtude de que o Sul de Minas, atualmente, é o maior produtor nacional de café e, em seu território, a cadeia produtiva dessa *commodity* tem ampla interferência demográfica, socioeconômica e territorial. Como órgão educacional, de pesquisa e de extensão presente no Sul de Minas, o Instituto Federal em suas várias unidades ligadas ao campo botânico-técnico da cafeicultura oferece amparo ao desenvolvimento da atividade cafeeira há muito tempo. Portanto a Geografia Econômica por meio de suas pesquisas e análises é capaz de incrementar o apoio oferecido pelo IFSULDEMINAS a cadeia produtiva da cafeicultura no território Sul-Mineiro.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

O presente estudo é resultado de levantamento bibliográfico por meio de livros, artigos e sites,

disponibilizados por meio físico e digital. Especialmente para esse artigo se fez a revisão e o resgate bibliográfico do artigo “Pequeno ensaio sobre Geografia Econômica do Café” de Pierre Monbeig (1957), com a intenção de demonstrar a tradição e base teórica que a Geografia possui para tratar de assuntos relacionados ao campo da cafeicultura. Como resgate da obra e nova luz sobre os textos do geógrafo francês, os trabalhos de Larissa Alves de Lira (2021) e Carlo Eugenio Nogueira (2013) foram e são de grande importância. Outra metodologia foi a observação e experimentação da disciplina optativa Geografia Econômica do Café ministrada no segundo semestre de 2021, pelo modo remoto, principalmente na construção do conteúdo programático e em sua aplicação aos discentes.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As principais abordagens da Geografia Econômica formaram o corpo do conteúdo programático da disciplina. Em um primeiro momento se demonstrou a primeira ação da pesquisa geográfica, que é a Localização. Essa ação se materializa tecnicamente recorrendo a cartografia. Assim sendo, a partir da localização muitos elementos de análise podem ser apreendidos. A cultura cafeeira no mundo e no Brasil se deslocou e se desloca, mesmo que majoritariamente esteja contida na zona intertropical. De modo genérico, a agricultura se utiliza da mesma planta, porém, a efetivação dessa lavoura nas diferentes localidades apresenta a conjugação de elementos naturais, técnicos e antrópicos com configuração diferenciada. Monbeig demonstra a importância dessa ação, ele disse:

Podemos observar, nessa curta história do café, que nem sempre foram as mesmas as regiões produtoras. Não houve apenas modificação no volume da produção; verificam-se também profundas alterações na distribuição dos mercados produtores. Assim como a economia global se nos apresenta como que desprovida de estabilidade, assim também a cartografia do café vem passando por profundas transformações. (MONBEIG, 1957, p.160)

A busca pelas razões do desenvolvimento das lavouras em certas localidades é trabalho do geógrafo econômico. Certos fatores locacionais naturais que propiciam a lavoura cafeeira, tais como o clima, a umidade, a pedologia e a altitude, são encontrados em muitos lugares no mundo tropical, porém, a simples presença desses elementos não determina o progresso da lavoura. Além de fatores naturais mínimos, o café e sua cadeia produtiva necessitam de condições infraestruturais, políticas, financeiras e técnicas, as quais qualificam as áreas produtoras. Dessa forma, a cafeicultura deve ser analisada com parâmetros naturais e antrópicos.

Os espaços geográficos que contém as lavouras sofrem enorme influências, mas, essa atividade econômica também é influenciada pela configuração socioeconômica e meio geográfico-natural existentes na área. Por isso o geógrafo econômico deve se atentar para a formação geomorfológica e de infraestrutura, além de se atentar para os aspectos de governança política, elementos trabalhistas, associativismo e ambiente financeiro do recorte espacial pesquisado.

A cafeicultura, assim como toda a agricultura, conta com relevante instabilidade advinda das imponderáveis questões naturais, como exemplo a geada para o café e, também, a flutuação de preços em decorrência da demanda, do mercado futuro e pela especulação, Monbeig afirmou: “Mais perigosas ainda que as intempéries climáticas, são as oscilações dos preços que afetam impiedosamente os países produtores” (1957, p. 178). Em vista disso, necessariamente o geógrafo econômico deve compreender o mecanismo de comércio dessa commodity, com o objetivo de identificar os impactos da instabilidade na produção e na precificação.

Cabe ao pesquisador deixar bem delimitada a extensão do fenômeno econômico estudado, já que a cadeia produtiva do café detém interrelações histórico-econômicas notórias entre as escalas local, regional e global. Essa ação metodológica é relevante para oferecer um exame criterioso da participação do objeto de estudo na complexa cadeia produtiva do café.

#### 4. CONCLUSÕES

No Brasil, as mudanças drásticas de deslocamento da produção cafeeira foram fundamentalmente motivadas pela demanda externa e predisposição de possíveis áreas mais baratas e custos produtivos menores para abastecer o mercado externo, por consequência: “O fenômeno interno brasileiro reproduz, em escala nacional, o fenômeno mundial” (MONBEIG, 1957, p. 169).

O que o geógrafo deve reter de tudo isso é a noção da existência de um conjunto complexo de fatos econômicos, sociais, políticos e mesmo de uma mentalidade coletiva, ligada a um modo de ocupação do solo e a um determinado tipo de cultura. (...) Em todos os momentos de sua história, a cultura do café esteve estreitamente ligada a seu comércio o que constitui um belo exemplo da solidariedade existente entre o agricultor, o comerciante, o banqueiro e o político. (MONBEIG, 1957, p. 173)

Por todos os aspectos expostos acima a Geografia Econômica do Café, seja como disciplina ou campo de pesquisa, é capaz de contribuir para ampliar o amparo que o Instituto Federal oferece a essa importante cadeia produtiva para o desenvolvimento territorial local e regional no Sul de Minas.

#### REFERÊNCIAS

MONBEIG, P. **Pequeno ensaio sobre Geografia Econômica do café**. In *Novos estudos de Geografia Humana brasileira*. São Paulo: editora Difusão Europeia do Livro, 1957.

\_\_\_\_\_. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. São Paulo: editora Difusão Europeia do Livro, 1957.

Lira, L. A., **Pierre Monbeig e a formação da geografia no Brasil (1925-1956): uma geo-história dos saberes**, São Paulo: Alameda, 2021

MORAES, A., C., R. de. **A Fazenda de Café**. Coleção o cotidiano da História. São Paulo: Editora Ática, 1991.

NOGUEIRA, C. E. **O lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2013.